

**CENAS RIBEIRINHAS: POÉTICAS POPULARES NA EXPERIÊNCIA DE UMA
PESQUISA TEATRAL NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO**

Antonio Veronaldo¹ – Cia Biruta
Cristiane Crispim¹ - Cia Biruta
Juliane Moura¹ – Cia Biruta
Prof. Dr. Elson Rabelo²- Univasf

Teatro e Artes da Cena: práticas artísticas e educativas no Semiárido Brasileiro

RESUMO

Este relato tem como objetivo apresentar o percurso da pesquisa Cenas Ribeirinhas, realizada pela Cia Biruta de Teatro, grupo sediado na cidade de Petrolina, que investigou, práticas culturais mapeadas nas cidades ribeirinhas do Sertão do São Francisco. A pesquisa teve como propósito principal a elaboração de repertório sensível e metodologias na formação de atores e atrizes do grupo sobre matrizes gestuais, sonoras e estéticas de práticas culturais de cidades ribeirinhas do Sertão do São Francisco que resultou na encenação de quatro cenas.

PALAVRAS - CHAVE:

Teatro; Pesquisa; Poética; Cultura; Ribeirinha.

DO CONCRETO AO ABSTRATO

A busca por técnicas e caminhos de composição por parte do ator se caracterizou no seu percurso histórico pela reflexão sobre a verdadeira função do ator na arte do teatro. A partir de então, no século XX, a preocupação com o corpo passa a vigorar mais intensamente e a fazer parte de maneira mais determinante da formação do ator. Esta preocupação da necessidade de domínio da movimentação e do gesto concerne à própria postura do ator enquanto artista/criador. Essas discussões, hoje amplamente difundidas na formação de atores e atrizes, possibilitaram o desenvolvimento de técnicas específicas para a composição do movimento e do gesto do artista de teatro.

Ainda, e inevitavelmente dentro desta discussão sobre a técnica, a antropologia teatral – campo de estudos desenvolvido por Eugênio Barba – investiga o comportamento sociocultural e fisiológico do ser humano em uma situação de representação simbólica, utilizando o seu corpo como principal instrumento técnico. Segundo Barba (2012), existe a técnica do corpo cotidiana e a extra cotidiana; esta última diz respeito ao comportamento cênico. Barba em seu estudo cruza sua pesquisa àquela sobre as técnicas corporais desenvolvida por Marcel Mauss, segundo o qual essas técnicas

¹ Integrantes da Cia Biruta de Teatro: Antonio Veronaldo Martins, diretor-pesquisador; Cristiane Crispim Bezerra e Juliane Moura da Silva: atrizes-pesquisadoras.

² Orientador, Prof. Dr. Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

são aquelas segundo as quais os homens de determinada cultura sabem servir-se de seu corpo. São modos de agir convenientes a determinada sociedade, portanto eficazes aos seus usuários, e transmitidos tradicionalmente. Andar, comer, vestir, dormir, dançar, dentre outros hábitos que constituem uma técnica do corpo – tem-se então a ideia do corpo como “primeiro e mais natural instrumento do homem”. Marcel Mauss tratou de técnicas como a da infância, do sono, do movimento, dentre outras que podem ser observadas segundo sua especificidade para as mais diversas culturas.

Em estudos convergentes, o antropólogo russo Plekhanov, citado no livro “O manual mínimo do ator”, de Dario Fo (1999), afirma que a gestualidade de cada povo é determinada com sua relação pela sobrevivência. Dessa forma, ações físicas cotidianas ligadas à sobrevivência dão base à sua atitude (gestos considerados acessórios, como dançar) e à criação simbólica do homem.

Segundo Marcel Mauss, é essencial no estudo das técnicas de corpo, mover-se do concreto para o abstrato, e de certo modo esse pensamento converge com as proposições dos outros teóricos aqui citados. Este percurso contribui para materialização de investigações teatrais, formando novas concretudes para novas abstrações – a cena, as ações e a composição de personagens, como foi o caso da pesquisa teatral Cenas Ribeirinhas, desenvolvida pela Cia Biruta de Teatro, de Petrolina, Pernambuco.

AS IDENTIDADES E PRÁTICAS POPULARES RIBEIRINHAS COMO MATRIZES NA ELABORAÇÃO DE CENAS

Partindo dessas provocações, o primeiro projeto de pesquisa do grupo, teve como proposta principal investigar as matrizes das culturas populares ribeirinhas do rio São Francisco, especialmente na margem pernambucana, para elaboração de material de composição de personagens e cenas por meio da observação de manifestações recorrentes nesse recorte cultural e geográfico. O estudo sobre essas práticas populares de dança e festas agregadas às relações sociais do cotidiano das comunidades, suas circunstâncias históricas e sociais, buscou identificar signos visuais, sonoros e corporais para elaboração de uma poética cênica para o grupo e, dessa forma, oferecer ao ator/pesquisador ribeirinho e sertanejo uma possibilidade de criação referenciada em elementos de suas identidades culturais.

O projeto foi idealizado em 2012, quando foi feito um mapeamento das manifestações culturais de comunidade ribeirinhas do médio São Francisco com a colaboração de amigos e lideranças comunitárias dos municípios de Petrolina, Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista, Orocó e Cabrobó. Com a aprovação no edital Funcultura 2012/2103, deu-se início em janeiro de 2014 à etapa fundamental do processo – as visitas de campo às comunidades, a fim de observar as práticas populares tradicionais de danças e festas, como reisado, São Gonçalo, samba de reis, capim lêlê, festas de novenários, festas de caboclos, e pega de boi. As visitas por ordem cronológica aconteceram nas vilas, distritos e comunidades: Fulgêncio (município de Santa Maria da Boa Vista), Comunidade Quilombola do Lamedor (município de Lagoa Grande), Coripós (município de Santa Maria da Boa Vista), Ilha do Massangano (município de Petrolina), Território Quilombola Águas do Velho Chico (município de Orocó), Projeto

de Irrigação N1 (município de Petrolina) e Ilha de Assunção/Povo Truká (município de Cabrobó).

Para realizar a pesquisa, utilizou-se a seguinte metodologia: a) Levantamento da bibliografia referente aos estudos teóricos e práticos sobre os temas: Cultura Popular, Técnicas Corporais, Culturas Híbridas, Antropologia Teatral, Biomecânica do Corpo; Etnocologia, Método de composição de personagens e Método de composição de cenas; b) Contato prévio para pesquisa de campo nas comunidades mapeadas; c) Estudos teóricos e preparação de elenco - aliando conceitos antropológicos e técnicas de ator com as manifestações de tradição popular, na busca por possíveis caminhos na construção de personagens e composição de cenas; d) laboratórios e treinamentos para composição de personagens e cenas; e) pesquisa de campo por meio de observação, entrevistas e vivências das manifestações, com registro em fotos e vídeos; f) Manutenção de diários de bordo dos atores e diretor; g) elaboração de relatórios parciais e final; g) mostra (divulgação) de resultados por meio das apresentações de cenas, exibição de documentário e realização de workshops;

A pesquisa teve a importante colaboração de profissionais que somaram suas pesquisas à do grupo, enriquecendo as perspectivas em relação ao trabalho. Na orientação teórica, o professor Elson Rabelo, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, trouxe o debate sobre conceitos em torno da pesquisa antropológica e da cultura popular; na preparação de corpo, o professor Érico José da UFBA – Universidade Federal da Bahia, trabalhou o conceito de Corpo-Máscara e sua potência expressiva para representação; e na preparação de voz a cantora, rabequeira, atriz e pesquisadora Renata Rosa, formada em Fonoaudiologia pela Universidade de São Paulo, desenvolveu princípios da relação orgânica entre o movimento, a respiração, a produção de voz e o canto.

Também responsável pela preparação corporal dentro do projeto, o diretor Antônio Veronaldo elaborou exercícios que viriam a contribuir para corporificar as memórias recentes das visitas de campo e a memória ancestral, implicados nesse conceito todas as contradições e espaços para elaboração da realidade ficcional. Estes exercícios dialogam com os princípios da Antropologia Teatral que tem por objetivo oferecer ao ator e atriz uma preparação para constituição de um bios cênico dotado de uma energia capaz de ser modulada na situação de representação em acordo com o que se pretender dar a ver ao espectador.

Porém, como proposto pela pesquisa, os exercícios criados foram baseados nas imagens referenciadas nos elementos investigados na pesquisa para desenvolver o trabalho do ator/atriz ribeirinhos/as. Foram intitulados até o momento como: o remeiro, o lançador de rede, a flecha, o redemoinho, o dançador (baseado em passos de danças do São Gonçalo, do Reisado e Capim lêle). Percebeu-se que as técnicas executadas pelo grupo muitas vezes com referenciais distantes dos códigos culturais a que os atores/atrizes têm contato, foram melhor apreendidos pelos corpos por, segundo seus depoimentos, acessarem aspectos da afetividade em que foi possível elaborar de modo potente o imaginário que fez parte da vivência dos corpos e assim potencializar a presença dos atores/atrizes em cena.

Desse modo, a vivência afetiva promovida pela pesquisa ampliou perspectivas de repertório criativo transformando o nosso olhar sobre o outro e sobre o eu-corpo do

ator, subjetivo e híbrido, oferecendo materiais tanto para a criação quanto para o treinamento de ator/atriz carregados de significados que emergiram do movimento de distanciamento e aproximação da nossa cultura (CANCLINI, 2011).

Com todo o trajeto desenvolvido na pesquisa e diante de todos os estímulos, corporais, sonoros, imagéticos e verbais que tivemos contato, neste momento temos apenas um rastro do percurso em nosso corpo-memória-criação de artistas do fazer teatral e essas pegadas são norteadoras, indicadores que guardam a potência da curiosidade e da profusão de questionamentos. A pesquisa em si não acaba, é mais abrangente do que o que foi possível apresentar com o resultado das cenas, infindáveis caminhos existem pela frente e redemoinhos se formam em sumidouros emergindo identidades pulsantes, que se relacionam com o movimento simbólico da vida e da morte. Tem-se, enquanto grupo, a consciência que morreremos e nasceremos muitas vezes ainda nesse terreno que começou a ser areado por esta vivência.

CORPO QUE SE A(PRO)FUNDA EM REDEMOINHO DE CRIAÇÃO ÉTICA E ESTÉTICA

A criação do que chamamos de exercício cênico, as “Cenas Ribeirinhas”, foi representada pelos atores-pesquisadores Cristiane Crispim, Juliene Moura, Marcos Aurélio e Paulo Junior, que apresentaram suas poéticas no corpo, na voz e nos seus elementos de cena metáforas inspiradas, na festa, no corpo, na fé, nos ritos, na luta e na comunhão dos povos tradicionais ribeirinhos em diálogo, com direção e encenação de Antonio Veronaldo, diretor-pesquisador.

O projeto das *Cenas Ribeirinhas* procurou escapar aos riscos da folclorização e do panfletário na sua dramaturgia pela via da Antropologia Teatral e a partir da vivência respeitosa e atenta junto aos grupos e comunidades tradicionais desta porção do rio São Francisco no sertão pernambucano. Na verdade, as paisagens e, sobretudo, os sujeitos sociais encontrados pelos atores depõem contra muitos estereótipos: de sertaneja e sertanejo, de pernambucano, de Nordeste, porque muito dos seus contextos rituais e criativos ainda passam ao largo da produção cultural legitimada no Brasil.

O resultado, amplamente mostrado aos diferentes públicos, como no teatro do Sesc-Petrolina e nas comunidades em que pesquisou, é provocativo, multissensorial mesmo com a economia de recursos cênicos – como figurino e cenário. Das atrizes e atores, aliás, é que vêm o esforço de falar *como* povo sem caricaturar o povo, de falar tanto *ao* povo quanto ao público tido como sofisticado e distinto. O povo, as classes populares, a gente trabalhadora ou mesmo malandra, como muitos sabemos, ainda é um enigma, político e estético, e transpor sua linguagem à cena não é tarefa das mais fáceis.

CONCLUSÃO

Em resumo, apresentou-se aqui o mapeamento geográfico e afetivo dessa imersão em elementos de nossas tradições populares do Sertão do São Francisco a fim de criar poéticas e estéticas que se revelaram só nos elementos para a denúncia social,

como os gritos de dor e protesto, mas também os gozos festivos, os passos bem marcados, as memórias dos corpos, de suas fazeres e júbilos, os seus feitiços e encantamentos. Abriam-se veredas e veias por entre gentes, terras, ar, águas do médio São Francisco em que o grupo segue compreendendo mais as identidades que os circundam e os constituem como pessoas e artistas.

REFERÊNCIAS

BARBA, Eugênio; SARVARESE, Nicola. *A Arte Secreta do Ator*: um dicionário de antropologia teatral. São Paulo: É Realização, 2012.

BARBA, Eugênio. *A Canoa de Papel*. 3ª. Ed. Brasília: Editora Dulcina, 2012.

FO, Dario. *O Manual Mínimo do Ator*. Organização Fraca Rame. 2ª Edição. São Paulo: editora SENAC, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2011.